

**OSWALD E MARIA ANTONIETA –
FRAGMENTOS MEMÓRIAS E FANTASIA**

MARÍLIA DE ANDRADE

Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Oswald definhava aceleradamente, vítima das complicações da diabete, em seu último ano de vida. Não consigo apagar da memória a dolorosa imagem de sua fragilidade: corpo magro, pele sem brilho, pés inchados, olheiras fundas em torno dos olhos verdes-azuis aguados, antrazes na nuca... Meu pai morrendo aos poucos.

Eu chorava pelos cantos, pressentindo a proximidade da sua morte, mas não tinha parceiros para compartilhar minhas angústias. Paulo Marcos era muito pequeno para dar-se conta da tragédia e Maria Antonieta, num enorme esforço de auto-defesa, negava o óbvio: anunciava, animadamente, nossa próxima mudança para Upsala (na Suécia) onde ele iria lecionar.

As rezas sempre foram lá em casa recurso supremo nos momentos de aflição. Todas as noites eu repetia as que me haviam ensinado, pedindo fervorosamente pela saúde de meu pai, sem resultado. Na visão onipotente dos meus oito anos, não aceitava que meu desejo intenso fosse incapaz de interromper magicamente o curso inexorável daquela doença. Por esta época duvidei de Deus mas, perseguida pela culpa e pelo medo do castigo, logo voltei atrás.

Ficava na espreita, observando, esperando. Nos últimos meses Oswald passava o dia todo de chinelos e “robe de chambre”, sentado na poltrona, lendo ou conversando com Maria Antonieta (foto 1). A fotografia registra bem o contraste entre os dois nesta época: ele, aos sessenta e quatro anos, muito doente, sem nenhuma vitalidade, Ela, aos trinta e quatro, cheia de energia. Costumava sentar-se assim mesmo, no braço da poltrona, tentando reanimá-lo: segurava sua mão, chamava-o de “filhão”, acusava-o carinhosamente de estar “fingindo” fraqueza apenas para receber mais atenção. Ele frequentemente se irritava ou se deixava invadir pela depressão. A debilidade física o exasperava e, além disso, enfrentava dificuldades financeiras em consequência da administração desatinada de toda a fortuna que herdara do pai. As dívidas, no último ano, incluíam as contas de farmácias e hospitais. Após a mor-

te de Oswald, lembro-me de Maria Antonieta devolvendo à farmácia do bairro os remédios que comprara e ainda não pudera pagar.

Ouvi-o muitas vezes queixar-se, desencorajado, de que suas idéias não eram aceitas, sua obra não era lida e talvez seu valor nunca chegasse a ser reconhecido. Sentia-se abandonado e sem grandes esperanças. Os amigos de festa já haviam se afastado. Maria Antonieta se ressentia muito deste fato e mostrava-se agradecida àqueles poucos que continuavam a visitá-los. Quase nenhum intelectual fazia-lhe companhia, às vésperas de sua morte. Antonio Candido e Mário da Silva Brito eram seus fiéis amigos e admiradores. Havia alguns outros, de quem não me lembro, mas de qualquer forma era um círculo muito restrito, em contraposição ao desprezo que lhe dedicava o mundo literário "oficial". Vítima da inveja e da hipocrisia, no final da vida Oswald foi punido com desdém pelo seu brilhantismo, pela sua franqueza, suas idéias avançadas e extraordinária capacidade para satirizar. Seus principais livros permaneciam inéditos há várias décadas pois os editores não os consideravam vendáveis.

O otimismo de Maria Antonieta contrabalançava em parte este quadro desalentador. Contou-me o Antonio Candido que tem ainda viva na memória a imagem do Oswald doente, semi-imobilizado em sua poltrona de onde gritava "Antonietta!", com seu vozeirão autoritário para solicitar absolutamente tudo: o caderno de anotações, os remédios, um copo d'água. Ela passava os dias zelosamente a seu lado com a atitude de uma filha que cuida do velho pai doente. Supervisionava seu regime, aplicava-lhe as injeções, fazia curativos e colaborava diretamente em seu trabalho, discutindo idéias, revendo textos, anotando ditados, datilografando, organizando o arquivo e a biblioteca. Gravitava sua existência em torno à dele e recusava-se a admitir que ele pudesse morrer.

A vida familiar, entretanto, era um verdadeiro caos. Mudávamos freqüentemente de residência em função da instabilidade financeira ou para estarmos mais perto do socorro médico. Antes do terceiro ano primário eu já havia mudado quatro vezes de colégio. Para nós, crianças, a insegurança era total; nunca podíamos contar com a presença ou a atenção de Maria Antonieta, que vivia prioritariamente para cuidar do Oswald. Ela recorria freqüentemente à ajuda da família e às fortes presenças de suas duas irmãs, velhas: Carmen (Nane) e Ida (Idinha), que se revezavam com ela nas tarefas de enfermagem ou nos cuidados da casa. Era comum que fôssemos enviados por vários dias à casa da vovó, enquanto ela permanecia cuidando dele no hospital.

O Último Desejo

Carta ao Oswald, trinta anos depois

Babo,

Naquela manhã de sexta-feira, 22 de outubro, eu tentava seguir minha rotina indo para a escola, onde costumava ocupar minha cabeça, tentando distrair-me da dor no peito, que era o pressentimento da sua morte.

Você me parecia, naqueles últimos dias, um velhinho combalido, com pouco fôlego, muito irritável, o dia todo de pijamas sentado na mesma poltrona, depondo tristemente as armas contra a doença. Eu tentava desesperadamente convencer-me do contrário, tinha pavor de enfrentar o fato de que ia perder você, que era justamente a pessoa de quem eu mais gostava.

Agarrada à minha pasta escolar, passei correndo pela porta do seu quarto, na esperança de não ser percebida. Não estava querendo nem olhar para dentro, sabia que você estava mal. Mas não deu certo e ao me ver passar correndo você ordenou (sempre ordenava) que eu voltasse para lhe dar um beijo.

Quando me aproximei de você estava com medo, assustada com um ronco estranho que saía do seu peito. Se estivesse mais tranqüila poderia ter entendido melhor o seu último desejo, sussurado em meu ouvido enquanto eu o abraçava. Não tenho certeza do que você me pediu e como nunca mais pude vê-lo, para esclarecer suas palavras, fui inventando um sentido para elas, ao longo da vida, com a série de acontecimentos trágicos que sobrevieram. Como separar aquilo que você realmente disse daquilo que foi por mim intuído ou adivinhado? Separar a realidade objetiva dos meus medos e desejos, da minha compreensão infantil do mundo, de minhas fantasias. Eu me lembro que você me pediu, emocionado, para eu “tomar conta da Maria Antonieta”. Ou, se não falou exatamente isso, deixou este pedido implícito na confissão do medo de deixá-la só.

Seu pedido aumentou meu pânico. Por isso procurei desvencilhar-me rapidamente daquele abraço, dei um beijo relutante no seu rosto e saí correndo.

Tidinha me contou, muitos anos depois, que você morreu tranqüilo, sentado na poltrona e conversando com ela, por volta do meio dia, enquanto a mamãe preparava algo na cozinha; apertava forte em suas mãos aquelas medalhinhas de santos que carregava no pescoço desde o início da doença. Não fui ao seu enterro. Fiquei na casa da vovó sem suspeitar de nada e só soube da sua morte no domingo, dois dias depois. A partir daí, cumprir seu último desejo impôs-se como um dever torturante, imperioso e inexequível. Destino complicado ser filha de Musa e Poeta!

Queria lhe dizer hoje que, no confuso emaranhado das nossas relações emocionais, eu nunca entendi, afinal, quem tomava conta de quem: Ela de Você? Você Dela? Eu de Vocês? Eu Dela? E quem, meu pai, tomava conta de mim? Bayla.

A Musa e o Poeta

Impossível lembrar-me de Maria Antonieta, escutar o eco de seu riso solto, cristalino, cheio de vida, ressoando pela casa. Era filha de um administrador de fazenda do interior de São Paulo. Estudara em colégio interno de freiras. Seus quatro irmãos homens cursaram a Universidade mas ela, como as duas irmãs mais velhas, cursou apenas a Escola Normal. Conheceu-o em Piracicaba, na casa de sua amiga Adelaide Guerrini, que era noiva do Nonê, filho mais velho do Oswald. Ele, nesta época ainda estava casado com Julieta Bárbara, irmã de Adelaide, de quem foi, ao mesmo tempo, cunhado e sogro. Julieta afirma que seu casamento já estava de fato acabado quando Maria Antonieta foi apresentada ao Oswald e convidada para trabalhar como sua secretária na elaboração do romance **Marco Zero**. O fato é que se apaixonaram, ela com 23 anos, ele com 54. Um poema fantástico: “Cântico dos cânticos para flauta e Violão”, serviu como pedido de casamento. A família dela reagiu abertamente, pois o passado de Oswald, que alimentava os mexericos da pequena cidade do interior (onde também moravam familiares de Tarsila), em nada o recomendava: ele certamente iria abandoná-la, como já fizera com as outras mulheres. Ela impôs sua vontade, ameaçando fugir de casa para ir morar com ele. Oficializaram o casamento em julho de 1943, com ela vestida de noiva e Inês, filha de Nonê e Adelaide, fazendo as vezes de dama de honra do casal (foto 2). Viveram felizes por onze anos. Revezavam papéis. Ela, a Grande Mãe generosa: “Toma conta do céu/Toma conta do mar/Toma conta da terra/Toma conta de mim/Maria Antonieta d’Alkmin”. Ele, o Velho Pai protetor: “E se ele vier/Defenderei/E se ela vier/Defenderei/E se eles vierem/Defenderei/E se elas vierem todas/Numa guirlanda de flechas/Defenderei/Defenderei/Defenderei”. Vivendo o mito do amor eterno: “Viveremos/O corsário e o porto/Eu para você/Você para mim”.

As mulheres do passado foram esquecidas. Oswald anunciava em seu poema a chegada da "Mulher vinda da China", a amante definitiva, o cais do porto, bonança. "Não quero mais/Crucificadas em meus cabelos/Quero você". E prometia: "Nada te sucederá/Porque inerte deste o teu afeto/No soco do coração te levarei/Nas quatro sacadas fechadas/Do coração".

Promessa não cumprida. Ele morreu, ela sentiu-se abandonada. Buscou algumas vezes o suicídio, como solução, antes de reencontrar forças para sobreviver sozinha. Iniciou penosamente uma nova vida, enfrentando grandes dificuldades financeiras, até conseguir reafirmar-se. Desenvolveu uma carreira de sucesso como orientadora pedagógica; casou-se novamente e descasou. No entanto, a imagem do poeta nunca deixou de acompanhá-la (o retrato dele, pintado por Tarsila, sempre pendurado em nossa sala de jantar). Um profundo sentimento de orfandade vez por outra a prostava deprimida; nestas horas sentia-se insegura e desenraizada, tinha verdadeiro pânico da solidão.

Outra grande perda sobreveio em 1968, com a morte do Paulo Marcos, em um acidente de automóvel, dois dias depois dele haver completado 20 anos. Meses depois, Maria Antonieta buscou alívio para sua angústia em um grande salto para a morte. Algumas horas antes de morrer conversara comigo sobre o Oswald e confessara que ainda sentia muito a sua falta.

Dedicatória

Quando Maria Antonieta engravidou pela primeira vez, Oswald cruzou na rua com o pintor Clovis Graciano (dono das Edições Gaveta) que lhe confidenciou a posse de um troféu: a primeira edição do poema **Marília de Dirceu**, restaurada e encadernada. Oswald não conseguiu comprar o livro de Clovis, cioso colecionador, apesar de dizer-lhe que se tratava de um documento valiosíssimo para a tese que estava escrevendo, "A arcádia e a inconfidência". Conseguiu, finalmente, tomá-lo emprestado. Só que nunca o devolveu.

Maria Antonieta contou-me que ele chegou em casa entusiasmado, dizendo que adquirira o livro, que dedicou a ela: "Para Maria Antonieta d'Alkmin/minha Marília realizada/Oswald/19.03.45"

Desta dedicatória compuseram o nome: Antonieta Marília de Oswald de Andrade, com o qual me batizaram oito meses depois.

Vida em Família

Antes que Oswald fosse prostrado pela doença, nossa vida oscilava entre um clima de festa e fartura e a constante ameaça de falta de dinheiro. A sombra da preocupação reaparecia todas as vezes que ele, aflito, saía de casa para tratar dos "negócios". Palavra-chave. O futuro, de repente, tornava a ameaçar. Podia ser que ele voltasse da rua irritado e deprimido sem ter conseguido renovar uma promissória, ou que voltasse exuberante com ótimas perspectivas de arrumar dinheiro, depois de passar pela melhor mercearia da cidade, trazendo quitutes e uma garrafa de champanhe para comemorarmos.

Nunca entendi direito como administrava esses "negócios". Soube mais tarde que ele herdara do pai um valiosíssimo trecho de terra na cidade de São Paulo, correspondente hoje à grande parte do bairro de Cerqueira Cesar. Entre os vinte e os sessenta anos, Oswald, no entanto, conseguira dilapidar esta fortuna, em parte devido à sua incompetência e descaso na administração, em parte devido à ingenuidade, que o levou a ser enganado por advogados corruptos e outros espertalhões de todo tipo. Lembro-me de sair de carro com a família, nos fins de semana, para rodar pelas ruas daquele bairro em busca de algum lote vazio. Quando encontrávamos algum, Oswald anotava animadamente o endereço e iniciava uma cuidadosa pesquisa pelos cartórios de regis-

tro de imóveis da cidade para descobrir se, por acaso, este ainda seria seu. Muitos terrenos foram-lhe tomados (através do usucapião) por moradores que haviam construído clandestinamente. Fui algumas vezes testemunha da disputa que ele mantinha com os padres da Igreja do Calvário, localizada na praça Benedito Calixto, alegando que ela fora construída sobre terreno de seu pai, sem qualquer tipo de autorização. Outros terrenos haviam sido tomados pelos bancos como garantia de hipotecas não quitadas. Mas, numa memorável tarde de domingo, localizamos um enorme terreno baldio na esquina da Rua Lisboa, que era seu. Fizemos uma grande festa para comemorar o achado e, com a venda deste terreno, garantimos a fartura familiar por mais algum tempo.

Na época em que a vida era um "mar de rosas", morávamos em um apartamento na Rua Ricardo Batista, perto do Viaduto Maria Paula. Ele nos denominara de "família goiabada" (por causa do doce em lata: 4 em 1, recém lançado pela Cica) e às vezes nos extasiávamos juntos, brincando de rolar na cama do casal (foto 3). Viajávamos quase todos os fins de semana para o Sítio da Boa Sorte, em Ribeirão Pires, um paraíso com mansão em estilo inglês. Férias e feriados passávamos em Santos, no Hotel Parque Balneário, ou em Águas de São Pedro, cujo imponente Grande Hotel é um dos marcos mais fortes da minha infância com meus pais.

Vivíamos cercados pelas empregadas (eram três, num apartamento relativamente pequeno), a babá nos acompanhava a todos os lugares e tínhamos sempre excelentes cozinheiros. Oswald adorava comer bem e rebelava-se sistematicamente contra as limitações impostas pelo regime dos diabéticos. Maria Antonieta tentava controlá-lo e as poucas vezes que os vi brigarem era por causa da desobediência aos médicos. Ele chegava ao extremo de levantar-se de madrugada para comer um pote de baba de moça guardado na geladeira e quando ela descobria tratava-o como se fosse uma criança incontrolável. Gostava também de beber, principalmente vinhos italianos e franceses, durante as refeições. Não freqüentava bares, no entanto. Bebia requintadamente em casa, como parte de seus rituais de "bon-vivant".

As paredes do apartamento eram cobertas de telas pintadas pelos maiores artistas deste século: Miró, De Chirico, Picabia, Tarsila, Di Cavalcanti. Oswald acumulara, através da vida, um excelente acervo de obras de arte. Algumas telas foram vendidas enquanto ainda estava vivo, para custear os gastos com sua doença, mas grande parte do que restou (inclusive algumas gravuras de Picasso), foi vendida posteriormente, por Maria Antonieta, a um "marchand" francês oportunista que costumava visitá-la: vinha da Europa de tempos em tempos, para insistir na transação. Aproveitou-se de sua ingenuidade para desvalorizar as obras, atribuindo-lhes ao final um valor muito abaixo do mercado. Restou apenas o retrato de Oswald, pintado por Tarsila em 1923 (quando ainda eram casados), que permaneceu como relíquia.

Oswald mantinha uma relação pessoal muito intensa com certos objetos da casa. Quando certa vez um jornalista lhe pediu para posar para uma foto, com os seus objetos prediletos, ele não se lembrou dos quadros mais valiosos, mas de outras coisas, que tinham para ele profundo significado pessoal: um insólito conjunto de cadeiras, vasos de cerâmica e esculturas de madeira, o retrato de Maria Antonieta pintado por Nonê e um quadro representando uma família, pintado por Rudá, que a insensibilidade do fotógrafo acabou cortando ao meio (foto 4).

Desta mesma época, lembro-me das grandes festas, gente bem vestida e sofisticada. Na cama eu permanecia acordada ouvindo os ruídos de conversa e o tilintar de copos e talheres. As taças eram de cristal, as bebidas importadas e, em ocasiões especiais, vinha um mestre-cuca, o Arthur, preparar o jantar.

Muita gente freqüentava a nossa casa. Ficaram em minha memória: a Dulce Carneiro, a cronista Cristina, Carmem Prudente, Bárbara Heliadora, Edgard

Braga, Helena Silveira, Jamil Amansur Haddad, Dona Lili Penteado, os casais Lima Figueiredo, Lucas Nogueira Garcês, a Pola Rezende, o Péricles Eugênio da Silva Ramos, o Samuel Ribeiro (meu padrinho), Tavares de Miranda, os casais Geraldo Santos, Ricardo Ramos, Luiz Lopes Coelho, Paulo Mendes de Almeida e Antonio Olavo Pereira e, evidentemente, o Mário da Silva Brito, a Gilda e o Antonio Candido, que eram muito assíduos.

Um dia Villa-Lobos veio para o almoço. Pude sentar-me à mesa com eles, enquanto era servido o café e lembro-me ainda da forte impressão que me causou o enorme charuto do "seu Lobo". Papai contou-me que ele era um importante compositor e colocou um disco na vitrola, pedindo minha opinião. Achei a música insuportável (muito barulhenta) e disse-lhe que não era música boa para dançar. Deram risada.

Oswald não gostava mais de dirigir automóveis, nesta época, acho que nem tinha carteira de motorista. Adorava andar de táxi e mantinha uma espécie de conta corrente com os motoristas do ponto mais próximo. Ao centro da cidade, que ia a trabalho ou para visitar as livrarias, gostava de ir a pé. Lembro-me de acompanhá-lo em caminhadas na região da Rua Direita, Praça da Sé e Largo São Francisco. Sentia-se totalmente identificado com o centro da cidade por onde andava sempre muito à vontade, como se estivesse num bairro de interior. Nas lojas que freqüentava, particularmente nas principais mercearias da cidade, era tratado com intimidade pelos vendedores que o chamavam de Doutor Oswald. Conversava com os livreiros, jornalheiros, motoristas de táxi e gostava de parar nas bancas de sebo para descobrir raridades. Comprava sempre muitos livros que devorava em casa, por horas a fio, sentado na poltrona.

Raramente saíam, a não ser para jantares e festas. Nessas ocasiões ela costumava usar roupas maravilhosas, geralmente importadas. Oswald adorava vesti-la bem. Dera-lhe um vestido francês de tafetá cinza-chumbo, com uma enorme capa que se prendia nos punhos, forrada de vermelho sangue, que me ofuscava particularmente. Senti um total deslumbramento quando os vi um dia, prontos para sair, ela com aquele vestido de princesa, ele de casaca. Para mim, a relação entre meus pais concretizava todas as fantasias da Cinderela. Literalmente nossa vida em família às vezes se passava longe do resto do mundo, em um fantástico castelo de ilusões.

Idílio Infantil

Eu invejava, como a invejava! Queria viver sua vida, vestir seus vestidos, ser a companheira do Oswald. E até consegui assumir este papel, em raras ocasiões inesquecíveis. Como, por exemplo, na noite em que fui solenemente designada para representá-la, sentando-me ao lado dele, que estava sendo homenageado em um grande jantar no Rotary Club. Ou ainda, quando viajamos só os dois, em direção a Santos, onde Maria Antonieta e Paulo Marcos já veraneavam. Que prazer imenso o de encontrá-lo na porta da escola, esperando em pé pela minha saída! No trajeto da Viação Cometa que durou, neste dia, uma eternidade, eu ia certa de estar seduzindo meu pai com as minhas histórias de criança.

Em outras ocasiões esta sensação se repetiu. Numa noite muito fria, no jardim de inverno do Sítio da Boa Sorte, enquanto trocávamos idéias sobre a vida. Ele (tão grande!) sentado em sua poltrona, eu (pequeninha!) em uma cadeirinha de vime, o nariz batendo na altura de seus joelhos, onde ele descansava um livro francês de filosofia. Em outra noite, junina, quando sozinhos na sacada do apartamento, ele me ensinando a acender cuidadosamente os fósforos de artifício. E nos vários momentos em que ele me alçou, através de

sua imensa barriga, para me aninhar em seu peito largo, onde eu me sentia protegida de todo o mal (foto 5).

Era grande e gordo, sua voz ecoava como um trovão (foto 6). Eu reagia violentamente às suas investidas autoritárias. Com cinco anos, ameacei fugir de casa pois achava insuportável a frequência com que ele me requisitava a seu lado, impedindo-me de ir brincar na rua. Por conta desta briga, ele passou uma semana inteira sem me dirigir palavra, sentindo-se pessoalmente ofendido pelo meu desejo de ir morar na casa da vizinha. Era um pai muito complicado.

Foi ele quem estimulou a minha vontade de dançar, afirmando, em suas visões grandiosas, que eu iria reencarnar Isadora Duncan. Seu "affair" com Isadora era às vezes invocado nas conversas de família sempre com enorme respeito e admiração por ela. Minha primeira professora de dança foi Carmem Brandão (foto 7), na verdade a dançarina Landa, por quem ele fora, na juventude, perdidamente apaixonado e cujo talento Isadora ironicamente desprezara no primeiro encontro que tiveram. Nunca, na verdade, recebi qualquer tipo de orientação em dança que se assemelhasse aos princípios propostos por Isadora. Embora admirada em casa, sua imagem não norteava minha carreira de dançarina até o dia, muitos e muitos anos mais tarde, em que comecei, sozinha, a pesquisar sua vida, para escrever um livro encomendado. Apaixonei-me então, finalmente, pela dança de Isadora Duncan, respondendo, em parte, ao desejo de meu pai. Mas, isto já emenda com outra história, que faz parte do meu percurso pessoal...

A dança, de qualquer forma, me perseguiu, até hoje, como uma necessidade e um prazer. Oswald, certamente, tem muito a ver com isto. As raízes do meu desejo de dançar estão, até hoje, emaranhadas com aqueles outros desejos intensos e mais profundos de seduzir um velho pai tão sedutor...

Pai e Herói

Em casa, depois da morte do Oswald, lembro-me de ter passado vários dias sentada no chão frio da garagem, onde todos os seus livros estavam empilhados. Oswald possuía uma imensa biblioteca que havia sido cuidadosamente organizada por Maria Antonieta nas estantes do seu escritório, no apartamento da Rua Dr. Ricardo Batista. Quando começamos a mudar sistematicamente de casa, os livros foram acondicionados em grandes caixotes de madeira alugados, de onde só foram retirados para serem empilhados no chão da garagem da casa da Rua Caravelas. Ocupada com a doença do Oswald, Maria Antonieta não tinha tempo nem energia para reorganizar aqueles três mil volumes. E as caixas de madeira, que pelo menos serviam para protegê-los, haviam sido devolvidas à transportadora.

Antes disso, no início de 1954, morávamos em um casarão imponente, no bairro do Brooklin Paulista, que Oswald comprara num ato temerário. Moramos lá alguns meses mas, como sua doença se agravasse, tivemos que voltar para o centro da cidade, alugando a casa da Rua Caravelas, bairro do Paraíso, bem próxima à casa de minha avó. Foi aí que o Oswald morreu.

Sentada na garagem, eu então folheava alguns de seus livros (tínhamos vários volumes das primeiras edições, nunca esgotadas) tentando entender as coisas que escrevera. Aos nove anos de idade, achava que peças como **A Morta** ou **O Rei da Vela** eram incompreensíveis e que meu pai era, no mínimo, um escritor hermético.

Foi por esta época que tive que me confrontar penosamente com a realidade do mundo de fora. Tendo crescido protegida em um ambiente onde aprendera a expressar minhas opiniões e a analisar criticamente o mundo, nunca fui aceita nos grupos pré-adolescentes e, principalmente, não conseguia me adap-

tar às meninas, que só gostavam de brincar de bonecas e que desdenhavam meu interesse pela leitura, meus modos de moleque e meu desprezo pelos vestidinhos de babados. Eu sonhava em ser uma desbravadora e gostava de explorar novos territórios, mesmo que para isso tivesse que enfiar os pés na lama e me machucar nos espinhos.

Esse era o lado impulsivo que eu herdara do Oswald e que ele reforçara e protegera enquanto vivo. Mas, depois que ele morreu, vivi um enorme conflito entre assumir esta tendência à aventura ou ser aceita e amada como uma menina "bem comportada".

Esta ambigüidade era ainda maior porque eu não tinha a menor certeza do valor das idéias defendidas por meu pai. Por muitos anos, escondia em minha mente infantil a dúvida sobre as suas qualidades literárias. Não compreendia e nem gostava dos seus livros. Na verdade, nem podia lê-los direito pois, logo na segunda página, minha mente se embaralhava e eu tinha que voltar à mesma frase diversas vezes, antes que pudesse compreendê-la. Fora do restrito círculo familiar e dos poucos amigos (que depois da morte do Oswald ficaram ainda mais escassos), ninguém das minhas relações conhecia o escritor Oswald de Andrade. Os pais de minhas amigas, mesmo os mais intelectualizados, nunca haviam lido nenhum de seus livros, não havia exemplares deles na biblioteca da escola e depois que eu entrei para o ginásio constatei, desoladamente, que seu nome sequer constava das antologias de literatura brasileira, no capítulo sobre o Modernismo.

Maria Antonieta tentava nos convencer de que Oswald era um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, apesar dos editores continuarem desinteressados em publicar sua obra. Frequentemente ela nos relatava fatos de sua vida, enfatizando admirada as grandes bravatas de sua juventude. Oswald era seu grande herói. Eu ouvia aquelas histórias comovida mas, cautelosa, atribuindo-lhes um certo exagero, por conta da paixão.

Lembro-me claramente de uma noite de chuva fria, em São Paulo, em que ela nos vestiu com a melhor roupa para irmos ao teatro assistir a uma apresentação de **Os Jograis** que incluía algumas poesias de Oswald. O teatro era longíssimo e havia poucas pessoas na platéia. Para mim, parecia um espetáculo muito triste. Mas eu percebia que Maria Antonieta se emocionara profundamente, apertando nossas mãos, enquanto ouvia os versos de "Soidão": "–Ouçam, ouçam que versos maravilhosos! Que grande poeta que ele foi!"

Um dia resolvi tirar a prova. No segundo ano do curso colegial-clássico, do Colégio Mackenzie, cheguei timidamente para meu professor de literatura brasileira, ao fim da aula, e lhe disse que meu pai havia sido um dos expoentes do Movimento Modernista. Ele perguntou meu sobrenome. "Oswald de Andrade" respondi, orgulhosa. Ao que ele revidou: "Ah, então você é a filha do Mário?".

Guardei por muito tempo a sensação de ridículo que me invadiu neste episódio e por muito tempo desisti de falar com os outros sobre meu pai. Aos poucos, também, sua presença deixou de ser tão marcante em nossas vidas. Grande parte de sua biblioteca foi doada por Maria Antonieta para a Biblioteca Municipal de São Paulo. Ela conservou apenas os livros que tinham um valor pessoal, algumas preciosidades. Os manuscritos, cartas, recortes de jornais e outros documentos pessoais foram encaixotados e, com a instabilidade da nova vida conjugal de Maria Antonieta, levados de lá para cá até ficarem por muito tempo extraviados nos porões de uma transportadora. Quando, com muita sorte, consegui recuperá-los, os encarregados do transporte admiraram-se de que alguém pudesse se preocupar tanto com aquele monte de papéis velhos...

Em 1967, finalmente, 13 anos após a morte do Oswald, o Paulo Marcos chegou em casa excitado com a notícia de que o José Celso resolvera montar

O Rei da Vela. Todas as vezes em que assisti ao espetáculo, não pude conter a emoção ao perceber o entusiasmo do público. Queria que o Oswald estivesse vivo para ver seu texto aplaudido de pé. Esta encenação marcou, para mim, o primeiro reconhecimento público do Oswald, o início de sua trajetória de mito e de herói popular.

Já convencida de que meu pai seria para sempre um gênio incompreendido, foi difícil acostumar-me a ouvir, de repente, o seu nome invocado com tanta frequência e associado a tantos eventos diferentes da vida cultural do país. Virou moda, pegou. Pai do tropicalismo, inspirador de Caetano, exemplo dos críticos literários, objeto de estudo das teses de doutoramento, herói incondicional dos jovens inconformados, modelo para os escritores iniciantes, autor preferido dos grupos de teatro amador. Oswald subiu de repente ao pátio dos mitos. Levei um susto, por volta de 1974, na cidade de São Carlos, interior de São Paulo, quando um caixa de banco, ao ler o meu nome no cheque, disse que era admirador das obras do Oswald, das quais sabia vários trechos de cor. Sei que ele haveria de gostar disso.

Eu, no entanto, não consigo esquecer a mágoa por ele haver morrido tão triste, pela aflição de Maria Antonieta na tentativa de republicar as suas obras e ver seu nome reconhecido, pela humilhação que sofri diante do meu professor de literatura...

Tento olhar distanciadamente para a grande festa que se faz em torno do seu nome. Fico perplexa diante de algumas histórias sobre suas excentricidades que já viraram lendas, como aquela do nome dos filhos, que ele teria registrado como "Rodo Metálico" ou "Rolando Escada Abaixo", boato que teve origem em um artigo maldoso de Guilherme de Almeida. Ou ainda a errônea imagem que às vezes fazem do Oswald jovem, às vezes dândi, às vezes beberão, a partir de uma visão muito superficial de sua personalidade.

Mais que tudo, no entanto, surpreende-me o acento que inventaram para o próprio nome de Oswald, de origem francesa, que virou Ôswald de uma hora para outra. Às vezes penso que esse anglicismo, com o qual consagraram meu pai, se deve em parte à popularização do nome de Lee Oswald, assassino de John Kennedy, nos anos sessenta. Acho engraçado. Até então, eu nunca ouvira qualquer pessoa usar o nome com este acento, agora generalizado. Tento, às vezes, insistir: "– Ele não é Ôswald, é Oswáld". Mas sinto, cada vez mais, que a cristalização do novo nome é irreversível. Oswald foi rebatizado, quando iniciou sua carreira de herói popular, quando seus livros começaram a ser finalmente digeridos pela massa. Acho que ele não gostaria que eu tentasse evitá-lo. O trajeto do mito, afinal, não me pertence.

